

creación de nuevos centros educativos a nivel medio superior en su territorio²². También los Coras serían signo de una nueva presencia en la Iglesia, si integrase sus cantos, danzas, mitos, ritos y ministerios en la liturgia. Esto enriquecería a la Iglesia, y permitiría hablarle a ellos desde dentro de su cultura.

CONCLUSIONES GENERALES: HASTA EL PROTAGONISMO DE LOS VENCIDOS

El análisis del impacto de la evangelización en el proyecto histórico de los Coras durante los siglos XVI-XX, ha permitido descubrir la necesidad de conocer la historia y la cultura del pueblo cora para poder entenderlo. Pero ese conocimiento ayudará también a descubrir su proyecto histórico, para poder darle continuidad.

Si ciertamente la costumbre cora guarda su proyecto histórico, que es señal de libertad y autonomía, esta necesita de acrisolamiento; ya que puede convertirse en un instrumento de enajenación y opresión. Es así que se ha de acompañar a la comunidad

en la búsqueda de espacios para reflexionar y evaluar sobre el objetivo de sus costumbres²³.

Los horizontes misionológicos no han de centrarse sólo en los Coras; estos son más amplios, y contemplan una articulación con los otros pueblos indígenas que luchan también por su autonomía y su autodeterminación.

La Prelatura de El Nayar, ha de buscar ser un espacio donde los Coras de hoy saquen a la luz lo que sus antecesores encubrían. Que aporten para la sociedad y para la Iglesia lo mejor de su experiencia²⁴, como: su sentido de democracia, su solidaridad, su hospitalidad, su concepción de Dios como Padre y Madre; así como las danzas, los mitos y los ritos. Y en la espera de un "nuevo amanecer, juntos todos los pueblos, dancemos la danza de la vida en plenitud, comamos y bebamos saboreando juntos lo que Dios, Madre y Padre nos ofrece"²⁵.

Ernesto Varela Pérez é Mestre em Teologia Dogmática com Concentração em Missiologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

²² Cf. *ibid.*, n. 4.

²³ Cf. Porfirio MÉNDEZ GARCÍA, *La mayordomía en Tlaxilpa*; experiencia y propuesta de evangelización, São Paulo: Tesis de doctorado, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 1997, pp. 246-247.

²⁴ Cf. Eleazar LÓPEZ HERNÁNDEZ, *Espinhas, flores y frutos de la Teología India*. México: Cenami, 1997, p. 6.

²⁵ Mensaje final del tercer encuentro ecuménico latinoamericano de Teología India. In: LÓPEZ HERNÁNDEZ, Eleazar. *Espinhas, flores y frutos de la Teología India*, p. 17.

O TRATAMENTO PSICOTERÁPICO APRIMORANDO A CONSCIÊNCIA MORAL

Prof. Dr. Pe. Manuel do Carmo da Silva Campos
Dra. Ruth Christina O. S. Fernandes

1. INTRODUÇÃO

O ser humano traz as marcas de um passado que condiciona o presente e o preocupa com o futuro emergente. Haja vista que ele é fruto de sua geração passada, do seu meio familiar, religioso, sócio-econômico-político. A sua personalidade e consciência são marcadas pelos mecanismos e condicionamentos; pelas influências de seu meio, especialmente da sua infância na formação de sua personalidade. Muitas vezes, a sua história pessoal apresenta-se carregada por atitudes, gestos e conflitos que se repercutem automaticamente por vários anos, sem que ele se dê conta. Numa determinada fantasia ou ilusão, atacam-se as conseqüências desarmoniosas provocadas pelos seus traumas passados, com um desculpar-se com um pedido de perdão para consigo, para com o irmão e para com Deus. Mas não se debruça sobre si mesmo, não se dá conta das causas

provocadoras dessa desarmonia frustrante e não as enfrenta para se libertar delas. Assim, o seu problema de fundo não será resolvido. Daí a importância do tratamento psicoterápico como contribuição para o aprimoramento da consciência moral, que na perspectiva do cristianismo provoca um verdadeiro encontro com a dinâmica de Jesus Cristo, autor e doador da consciência.

É o que se pretende evidenciar neste artigo, a fim de fazer entender que a relação entre psicanálise e moral seja mais compreensiva e harmoniosa por ambas as partes, e se quebrem os falsos julgamentos e mal entendidos por terceiros e até mesmo por certos membros da Igreja.

2. A DIMENSÃO TEOLÓGICO-ÉTICO DA CONSCIÊNCIA

A consciência¹ não é "uma realidade estática", tem um dinamismo de interação pessoal, social, ético, psi-

¹ Cf. Antonio MOSER e Bernardino LEER, *Teologia Moral: Impasses e Alternativas*, Petrópolis: Vozes, 1987, p. 145-168; R. HOFMONN, *Coscienza (Morale)*, In: *Sacramentum Mundi*. Enciclopédia Teológica, vol. 2, Brescia: Morcelliana, 1974, Cols. 643-654; Bernard HÄRING, *A Lei de Cristo*, Vol. I, São Paulo: Herder, 1960, p. 198-231; R. Rincon ORDUÑA et alii, *Práxis Cristã*, vol. I, São Paulo: Paulinas, 1983, p. 227-346.

cológico e outros, sujeita a uma "série de influxos internos e externos". Mas na realidade ela é única. Embora manifestada em "níveis distintos", numa interação permanente, não se devem permitir transposições puras e simples de um campo para outro. O ser humano, na busca de sua unidade e realização, deve ser pautado por essa linha mestra.

2.1. A Consciência Moral "como abertura total"²

A consciência está nas constantes relações da pessoa com os demais e seu meio circundante, interagindo "entre o eu e o não eu", constituindo "a personalização" o que é e o quem deve ser. Esse dinamismo que configura "uma sabedoria que vai crescendo" à medida "que penetra mais ou menos profundamente no próprio ser", denomina-se consciência moral.

O vocábulo grego "syneideses" assumido por São Paulo e entendido como "ver com; conhecer com", dá a entender que o ser humano está situado, integrado, dialogando com os valores de "uma cultura, de um

povo, de uma religião". De sorte que, a consciência está intimamente ligada ao "ethos". Além disso, percebe-se que a consciência dimensiona o ser humano para algo de sublime que é o amor, como sua vocação primeira, seu caminho imprescindível de realização. É o amor que permite ao ser humano a descoberta de quem ele é "o que deve ser e como deverá ser". Amor para com o próximo, para consigo mesmo e para com Deus. Neste ponto de vista, a consciência se evidencia como "abertura total".

2.2. A Consciência do ser humano como abertura para si mesmo

Um outro aspecto da consciência é aquele visto como "abertura para si próprio"³, o debruçar-se sobre si mesmo. Embora o ente pensante esteja situado num ambiente circundante como já foi dito, ele não é só isso, nele existe um "núcleo secretíssimo", um "santuário onde ele está sozinho com Deus e onde ressoa sua voz"⁴. Essa "consciência radical" que está "na raiz mais profunda do humano... É como que o resultado

daquilo que é constitutivo da 'pessoa' e daquilo que vai sendo trabalhado ao longo de uma vida". Esse dinamismo interno desenvolve, realiza e constitui a pessoa: o que ela foi, o que ela é, o que ela está se tornando e o que ela será. É a dimensão mais profunda e de originalidade do ser humano. Fechar-se a ela é ignorar-se a si mesmo e ao próprio desenvolvimento. Fator esse tipicamente antropológico, ausente aos outros seres vivos. Negá-lo ou não se dar conta dele é submeter-se a um puro determinismo da natureza instintiva, própria dos animais. A consciência moral permite ao humano tomar consciência "do que ele é e do que lhe sucede". É a capacidade que ele tem de tomar distância de si e das coisas que o cercam para descobrir, progressivamente, sua existência, suas possibilidades e seus limites, porém, mergulhando na profundidade do seu ser, debruçando-se sobre si mesmo, desvendando os fatores inconscientes causadores de suas ações repetitivas, automáticas, neuróticas, mesmo que para isso ele necessite de um suporte, de um colo, que lhe dê "holding",

numa dinâmica de neutralidade, que pode ser um terapeuta ou até mesmo um padre, um grande amigo e demais. Dando-se conta desses fatores traumáticos (paradas no desenvolvimento) é preciso perceber que eles existem, que precisam ser encarados, convividos e conseqüentemente se libertar deles através da elaboração e não só da catarse. Assim, o ser humano se compreenderá como ser pessoal existente, chamado a desenvolver-se em uma direção, constituindo-se como ser humano feliz e participante de um projeto divino⁵ do qual é co-criador e co-libertador, o que lhe é assegurado pela dimensão teológica.

É nesse aspecto da "consciência como abertura para si próprio" que vale a pena situar exemplarmente o tratamento de Roberta, uma paciente da psicanalista Ruth Christina. Contribuição, justíssima, da psicanálise que a moral não pode deixar de abrir mão.

2.2.1. A Consciência Psicológica⁶

O Caso Roberta⁷:

Roberta, 38 anos, casada, duas filhas (uma de 14 anos e outra de 8

² Antonio MOSER e Bernardino LEER, *Op. cit.*, p. 155-156; veja-se nota 17; Bernard HÄRING *Op. cit.*, p. 198-202.

³ Antonio MOSER e Bernardino LEER, *Op. cit.*, p. 159.

⁴ Antonio MOSER e Bernardino LEER, *Op. cit.* P. 159, citando GS, 16; D. N. WINNICOT, *O consciente e os processos de maturação*, Poá: Artes Médicas, 1982.

⁵ Antonio MOSER e Bernardino LEER, *Op. Cit.*, p. 159-160.

⁶ J. SPLET, *Consciência (psicológica)*, In: *Sacramentum Mundi*. Enciclopédia Teológica, vol. 2, Cols. 653-657; Sigmund FREUD, *Obras Completas*, vol. II., *Estudos sobre a história* (1893-1895), Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 277-296; Idem, *Interpretação dos sonhos*, tomo II, Rio de Janeiro: Ed. Delta, 1953, p. 376-387.

⁷ O caso Roberta está sendo publicado com a devida permissão da paciente e o nome é fictício, obedecendo a ética profissional.

anos) chegou no meu consultório em abril de 1996, falando da sua consciência, do fato de estar precisando de uma terapia para ela. Só que não tinha coragem de contar para o marido este desejo. Passei a atendê-la duas vezes por semana, através de um convênio de saúde do marido que seria descontado na sua folha de pagamento. Mesmo assim, nutria de fantasia, com dois meses de tratamento terapêutico, de que o marido ainda não tomara conhecimento que ela estava dentro desse processo.

a) *Queixas da paciente* Roberta

Dependência do marido - *"É que o meu marido não acredita em terapia"*, ela me disse e, sobretudo, *"ele não acredita que eu possa levar à frente algo que me proponho realizar"*. Foi assim, quando ela fez o curso de ASTROLOGIA e quando começou a frequentar o CENTRO ESPÍRITA. Em ambas as situações ele a criticava todo o tempo. E ela acatava. Nas duas idas ao Centro Espírita, ao qual ela ia acompanhada de uma amiga que se tornou íntima sua, seu marido chegou mesmo a ligar para esta amiga, falando que não queria mais o relacionamento de ambas, o que ela acatou. Deixou o curso de astrologia que gostava tanto, bem como as idas ao Centro Espírita.

Roberta falava que dependia da aprovação do marido para tudo em sua vida, e que apesar de se sentir

tratada como uma empregada doméstica, fazia tudo para agradá-lo com sua *"comidinha"* favorita, ou mostrando que tinha limpado bem os móveis e varrido bem o quintal, uma vez que este chegava em casa e fazia questão de passar os dedos nos móveis para ver se tinha poeira. Dizia ela: *"Meu filhinho, hoje eu não varri o quintal nem lavei os banheiros porque isso não precisa ser feito todo santo dia"*. Mas mesmo assim continuava limpando bem a casa.

Vida sexual prejudicada - *"Carinho entre nós não existe"*, falava ela. Frequentemente, o marido soltava indiretas de que ela estava gordinha, apertando os pontos onde existiam gordurinhas extras. *"Aí eu me retraía"*, dizia ela. *"Tínhamos uma sexualidade tão quente antes do casamento (Roberta casou grávida) e agora eu espero ele me procurar para termos relações. Para que eu possa sentir prazer, fico com as minhas fantasias bem guardadas dentro de mim. Tornei-me meio frígida e com fantasias homossexuais"*.

Onicofagia - Segundo Roberta, o marido gostava muito de cozinhar, mas caso encontrasse na geladeira, por exemplo, uma cenoura com uma pontinha estragada, ele esbravejava e acusava: *"você sempre estraga tudo mesmo"*. E aí, ela ia para um canto chorar e roer as unhas. Nesse início de tratamento ela me mostrava suas mãos com as unhas completamente roídas.

Desejos da paciente X desejos do marido - *"Sempre tive o sonho de fazer faculdade de psicologia. De poder sair de casa sem depender que 'ele' me leve para todos os lugares que preciso ir. Até para levar as filhas nos aniversários de amigas, dependendo que ele me leve. Assim não é possível. Tenho que deixar isso. Tinha o desejo de poder ser liberada sexualmente, mostrando minhas fantasias e desejos sexuais mais íntimos. Tinha o desejo de ser uma mãe 'menos histérica' com minhas filhas, mais compreensiva. Em suma, uma mãe melhor"*. Tinha o desejo de poder sair com o marido, que tinha os amigos, o pagode, o futebol, enquanto ela ficava em casa. E isso a deixava enraivecida. De tudo isso, vinha a questão maior dela: como faço para poder falar, para poder agir, para me soltar? Não só em relação ao seu marido, mas também com o pai e a mãe. Ela falava: *"como conectar a consciência do fato com as necessidades de mudar?"*.

b) *O Tratamento*

Houve um processo empático⁸ entre mim e Roberta. Percebi nas queixas dela a queixa da mulher que

luta para valorizar-se e ser valorizada em todos os aspectos: na sua feminilidade, beleza e na sua capacidade de produzir. Na busca de encontrar-se fez o curso de astrologia, frequentou reuniões de Centro Espírita, fez acupuntura, foi a vários médicos, levou a filha ao homeopata, tem o desejo de fazer faculdade de psicologia e veio parar no meu consultório.

Relatando-me uma lembrança de sua infância, em que tinha uma boneca muito querida, disse-me que sua mãe, sem que ela soubesse, pegou a boneca e deu para sua tia colocar em um bolo confeitado, feito para outra pessoa. Perdeu a boneca, ficou com muita raiva, mas acatou a decisão da mãe, continuando acatar as decisões e desejos do marido depois de casada, a ponto de começar a fazer *"birra"* ao invés de falar. Algo meio infantil mesmo, ficar com raiva e não se exprimir falando. Felizmente a raiva, aparentemente passa, mas não houve a expressão da raiva. Quando o marido a recriminava por não cortar a carne do jeito que ele queria, ela se calava. Porém, continuava fazendo da mesma forma e dizia a si: *"Eu quero aprender a falar, criatura!"*. E foi aprendendo.

De acordo com a orientação kohutiana⁹ coloquei-me no lugar do *"Objeto do Self"*, pois Roberta que

⁸ H. KOHUT, *Como cura a psicanálise*, Poá: Artes Médicas, 1989.

⁹ Cf. H. KOHUT, *Análise del self*, Buenos Aires: Amorrout Ed., 1971.; Idem, *A restauração do self*, Rio de Janeiro: Imago, 1988; Idem, *Como cura a psicanálise*, Poá: Artes Médicas, 1989.

apresentava o "polo das ambições danificado" (teve paradas no seu desenvolvimento), necessitava quase todo tempo de reações confirmadoras e aprovadoras de minha parte. Principalmente à medida que evoluía, falando mais o que pensava e o que sentia, em relação à mãe, ao pai, ao marido, às filhas. Era aí que eu, internamente, vibrava com ela.

Em uma sessão eu lhe falei: "você percebe que enfrentou o seu marido e ele não lhe abandonou?" (Este era o grande medo dela). Na questão da sexualidade, vimos que se esquivando do marido ela o castigava, mas sobretudo, punia-se também.

À medida que a terapia foi caminhando, Roberta foi realizando pequenas mudanças. Relatou-me que num domingo ela se arrumou e foi para a feira sozinha, só para passear, e depois foi almoçar com sua mãe. Isso foi relatado como um grande passo dela e com muita alegria. Ela acrescentou: "fiz isso e o meu marido acatou".

Foi com sentimentos ambivalentes que começou a trabalhar na drogaria do pai. Tinha fantasia de que se trabalhasse fora seria como se estivesse abandonando a casa e as filhas. Mostrei-lhe que ela poderia deixar as filhas crescerem à medida que ela própria "crescia" e se tornava mais feliz. Realizou mudanças no estabelecimento do pai e aumentou gradativamente seu horário de trabalho fora de casa. Nessa ocasião, ela trouxe um sonho que teve aproximadamente aos seis anos de idade. A cena do sonho é sua casa que fica no andar superior do estabelecimento comercial do seu pai que é uma drogaria, uma construção antiga. No térreo, funciona a drogaria com um corredor, dando para a área dos fundos e uma cozinha, copa e banheiro nos fundos. E o sonho é assim: "Eu estava neste corredor que é estreito e bastante escuro pelo lado de dentro. Havia alguém do lado de fora querendo empurrar a porta com um grande toco. O medo que eu sentia da porta ser arrombada foi muito intenso. A pessoa estava empurrando a porta com muita força". Eu pedi para que ela fizesse associações. "No sonho, o medo que eu tinha era de assalto e roubo. Lembro-me da porta do quarto do meu pai. Eu gostava de ir para o quarto de minha mãe, mas a porta estava sempre fechada. Eu queria entrar e ver o que tinha lá por trás". Ela fez associações com a própria sexualidade, sua curiosidade infantil sobre o que estava acontecendo. Coloquei-lhe como esse tratamento começara a arrombar as suas resistências, levando "drogas" novas (coisas novas) para ela. Esse era o seu medo: queria mudar, mas ao mesmo tempo resistia por detrás daquela porta do quarto dos pais. Denota-se que

as pessoas, no seu processo de vida, por mais que desejem mudanças, resistem a elas.

c) Parada no Tratamento

No mês de novembro, Roberta começou a mostrar alguma resistência e algumas faltas a sessões do tratamento, apesar de vê-la feliz e "exibida" pelas conquistas alcançadas. Estávamos tendo alegria mútua pelo seu crescimento. Pareceu-me que Roberta estava querendo me dizer: "será que a análise vai realmente continuar adiantando em meio a tantas buscas que realizei?". No fundo, ela temia mudar tanto e, em consequência, separar-se do marido. Qualquer mulher casada tem esse conflito, não é mesmo? Disse-lhe: "percebe que está reagindo? Você está resistindo, mas está indo". No mês de dezembro ela interrompeu o tratamento. Alegou que iria viajar com a família e precisava de um tempo para si, até para continuar o processo analítico sozinha. Porém, disse que voltaria depois. Lembrei-me das palavras de Kohut: "o processo analítico que leva à 'cura' é o que funciona em consonância com o projeto ou designio do analisando".

d) Resultados

Os resultados obtidos podem, assim, ser diagnosticados: postura autônoma, atividade remunerada, elimina-

ção da onicofagia, valorização de sua feminilidade, aumento da auto-estima.

Retorno ("feed-back") - Mês de abril de 1997.

Quando resolvi apresentar o caso de Roberta como parte do tema livre no Congresso de Medicina Psicossomática do Estado do Rio de Janeiro, Penedo, de 01 a 03 de maio de 1997, liguei para ela, dizendo que gostaria de um encontro no meu consultório e adiantando-lhe que precisava de sua autorização para a apresentação desse trabalho. Quando entrou no meu consultório eu fiz um elogio à sua beleza, à sua feminilidade. De fato estava bonita, mais magra, melhor cuidada. Mostrou-me suas mãos com unhas crescidas e bem pintadas. Disse-me: "não roí mais unhas, viu?". Após dizer-lhe que falaria a respeito dela neste trabalho, obviamente ocultando o seu nome verdadeiro, começou a exhibir-me o seu "self" bem mais grandioso. Disse-me estar trabalhando com afinco e promovendo mudanças na drogaria de seu pai, e que iria até comprar um carro para ela (só andava de ônibus, quando sozinha). "Como a terapia ajudou a me colocar para o alto, quando para mim parecia impossível conciliar trabalho fora com casa. No entanto, hoje vejo ser perfeitamente possível. A terapia me tornou mais forte, ajudando-me a desconectar-me de um tipo de informação que

carregava antes, não conseguindo me soltar em vários pontos. Com relação à sexualidade, está caminhando, mas ainda não está onde desejo chegar. Estou me sentindo bem mais respeitada sob todos os aspectos”.

O marido ainda continua a criticá-la em alguns momentos (reduziu para 1/3). Agora a resposta dela é do tipo: “se eu tenho tantos defeitos, porque continuas comigo?”. Por outro lado, as manifestações de carinho dele para ela aumentaram muito, havendo a certeza de que agora é ele que tem medo de perdê-la, enquanto que no passado o “insight” dela era que acontecia o oposto. Roberta falou-me que pretende voltar à terapia.

Neste caso, podemos inferir como muitas vezes o ser humano se coloca muito mais como objeto do desejo do outro ao invés de buscar o seu próprio desejo. Vemos que Roberta, através do processo psicoterápico, que quando ela começa a ser firme com o marido e demais, buscando realizar-se como pessoa, realizando seus desejos sem culpas e com determinação, as pessoas (marido e filhas) passam a respeitá-la como pessoa. Porque ela própria passou a respeitar-se mais. Seria o caminho da libertação e a valorização da mulher nesta sociedade tão opressora.

Nesse encontro de Roberta consigo mesma, percebe-se um itinerário que o ser humano jamais poderá deixar de percorrer, desde que busque as possibilidades. Dá a entender que, para uma verdadeira cura das neuroses humanas, o tratamento psicoterápico é indispensável. É uma grande contribuição para formação de uma verdadeira consciência sadia, pois ataca as causas mais profundas do desajuste da personalidade: os traumas inconscientes ocasionadores das repetições doentias e automáticas que estão por detrás dos sofrimentos da alma, da vida, e que provocam sintomas corporais através de doenças físicas, desarmonizando toda a psicossomática da pessoa. Sem dúvida que o encontro do ser humano consigo mesmo: “mente sã em corpo sã”, trará muito mais segurança e harmonia para o encontro com o irmão e com Deus.

2.3. A “Consciência como abertura para o transcendente”¹⁰

Neste artigo não se pode deixar de abordar a dimensão da “consciência como abertura para o transcendente”, própria da preocupação teológica. Percebe-se, desde as cul-

turas primitivas, algo que ultrapassa a consciência humana¹¹. A Sagrada Escritura, referindo-se ao íntimo do ser humano, evidencia que o coração, como centro de vitalidade humana, escapa à percepção imediata. Não é apenas um órgão físico, como diz o ditado popular: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”. Sem ele, não é possível a vida em todas as suas dimensões. Por isso ele é a própria vida. Porém, a sua ação perde-se no silêncio regador das células vivas do corpo, da psique, do espírito, do divino. Divino esse que “alimenta o ser humano, mas que se esconde por traz dele”¹², como o coração. O ser pensante descobre “uma realidade que já existe, originariamente. É aqui na raiz do próprio ser humano”, que se deve “situar Deus e sua presença atuante”. Deus, além de revelar o que a pessoa “deve fazer ou deixar de fazer, ‘cria’ a própria consciência como força e luz que possibilita uma resposta ao seu chamado”. O homem e a mulher, ao se darem conta “desa gratuidade e desse apelo preexistente” neles, adquirem um determinismo no seu itinerário de re-

alização própria e tornando-se agentes da sua história. Para a Teologia Moral, essa “presença divina na origem da consciência” é entendida como a voz de Deus, não podendo ser confundida como algo mágico. Pressupõe, porém, “discernimento, decisão moral adequada, busca ancorada na fé, na reflexão humana e na experiência”. Esse discernimento implica conhecimento profundo do Evangelho e experiência - “prática do seguimento de Jesus, na vida da Igreja e comunidade de fé”. Se pela Teologia da Criação entendemos que “todo e qualquer ser humano, traz em si as sementes do divino”, evidentemente compreendemos que “na intimidade da consciência, o ser humano descobre uma lei, que ele não dá a si mesmo, mas à qual deve obedecer...”¹³. Assim, pela Teologia da Salvação, como resgate do todo criado, a pessoa humana de fé é chamada a dinamizar a sua dimensão de co-criadora e co-salvadora, dimensionando ações de libertação frente a tudo aquilo que se opõe à construção de ser pessoa humana e suas diversas dimensões; à constituição da harmonia ecológica e cósmica; à constituição de sua harmonia com sua divindade, com Deus.

¹¹ Mircea ELIADE, *O sagrado e o profano*. A essência das religiões, Lisboa: Ed. Livros do Brasil.

¹² Antônio MOSER e Bernardino LEER., *Op. cit.*, p. 158.

¹³ Idem, p. 158, citando GS 16.

3. CONCLUSÃO

A consciência, mesmo sendo própria de cada pessoa e estando ligada ao "ethos", dimensiona o ser humano para algo sublime.

Necessário se faz perceber que o ser humano é um ser situado, produto do seu meio, carregado pelas marcas e desejo desse meio.

Debruçar-se sobre si mesmo, é investir no desvelar e enfrentar as causas provocadoras das atitudes e atuações de que muitas vezes não se dá conta. É procurar e provocar mudanças libertárias para si e para os demais. Aqui está a importância do tratamento psicoterápico, que proporciona à pessoa conhecimento e respeito para si mesmo e, assim, ser respeitada pelos outros. É o caminho da libertação do ser pensante nessa sociedade tão opressora.

Na perspectiva do cristianismo, Deus está na "raiz do próprio ser humano". Ele é uma presença atuante, criando a própria consciência, impulsionando o homem e a mulher a

uma resposta ao seu chamado para o bem. O critério primordial que se apresenta é a dinâmica de Jesus Cristo, à qual a pessoa deve aderir.

A sintonia do ser humano consigo, debruçando-se sobre si, libertando-se das suas amarras doentias, do seu passado, provocadores de suas neuroses, proporciona-lhe aptidões para o aprimoramento de uma sã consciência moral, para que no seu itinerário humano, possa prosseguir nas pegadas de Jesus Cristo.

Manuel do Carmo da Silva Campos é doutor em Teologia Moral pela Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção, SP; Mestrado em Doutrina Social da Igreja PUC-RIO. Cx. Postal 05 . CEP 69.150 - Parintins. AM . Ruth Christina, é psicanalista, Membro da ABMP - Regional Sul Fluminense; pós-graduada em: Psicanálise Infantil - PUC/RJ; Psicologia Médico-Psicossomática - Fac. De Medicina da Fundação Serra dos Órgãos de Teresópolis - RJ; Psicoterapia FOA/VR. Clínica Lumiar, Rua 18 B, nº 59 - Vila Santa Cecília. Volta Redonda. RJ. CEP 27.260-100.

NOTAS SOBRE A ESPERANÇA

Côn. Dr. José Adriano

O tema da Esperança surge com força no projeto do jubileu do ano 2.000. A esperança é uma virtude que está no fundamento da existência humana. Além de teológica, é uma realidade antropológica. Cada ser, também o ser humano, vive o presente projetado para o futuro. O amanhã é, na esperança, um pleno existir.

1. ESPERANÇA HUMANA

A esperança¹ é uma experiência originária, comum a todos os homens. É um fenômeno psíquico que os antigos chamavam de *pathos*, isto é, uma paixão ou uma emoção suscitada por um bem ainda não presente que se tem a confiança de possuir no futuro. A confiança, desse modo, dá sustento à esperança. A esperança é vista como realizável pela confiança. Confiança e esperança se completam e se supõem. É verdade que, no horizonte da esperança, há incertezas e temores, mas é verdade também que no horizonte da esperança há o *ou-sar*, a aventura.

O pressuposto psicológico da esperança funda a convicção da possibilidade real de atingir o bem desejado, seja com as próprias forças, seja com a ajuda de outras forças, tais

como: ajuda de pessoas, da sorte, de Deus. O esperançoso é um crente, alguém que deseja e crê no real ainda não presente mas que, na fé, é perfeitamente possível. A esperança possui também uma dimensão social. Um povo cativo e sob opressão, esperando um *Goel* libertador, vive, reza, trabalha, se organiza em torno da esperança de ver o sonho realizado. A experiência psicossocial demonstra que o fato de ter uma esperança comum cria unidade entre os que *sonham o mesmo sonho*, e essa unidade reforça, por sua vez, a esperança. Renovar sempre mais as forças da esperança é imprescindível para a superação das atitudes estóicas de resignação e imobilismo. Gabriel Marcel afirmava que quem vive a vida como uma rotina é "um desesperado que nem mesmo sabe que é desesperado"².

A esperança precisa ser vista no contexto da vida humana total. Onde há vida, há esperança, diz o adágio popular! Ela está na raiz da existência, como afirmava Platão no *Philebo*: *somos plenos de esperança por toda a nossa vida*; ou Alex Pope in *Essay on man*: *a esperança brota sempre do coração humano*; ou com André